ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: PRÁTICAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DOCENTE

Eline Cristina de Paula Silva¹
Leonardo Loiola Silva de Abreu Sousa²
Fauston Negreiros³

RESUMO

Esta pesquisa inquiriu práticas e as contribuições da experiência de formação docente oportunizada pelo estágio não obrigatório junto à educação especial. Participaram do estudo 30 estudantes, sendo 22 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idades que variam dos 20 aos 48 anos. Para a coleta dos dados, fez-se uso de um questionário semiestruturado, composto por itens sociodemográficos de caracterização dos participantes, bem como por perguntas que versavam sobre as experiências do estágio não obrigatório em Educação Especial. Desse modo, os resultados do estudo revelam: o Transtorno do Espectro Autista enquanto deficiência mais recorrente, com 43,63%; os recursos lúdicos e as atividades adaptadas, como aquelas com maior incidência entre as práticas pedagógicas, com 53,33%; e, que 53,33% dos estudantes apontam como significativa a experiência do estágio, por promover conhecimentos singulares da prática na realidade escolar e por integrar conhecimentos específicos na educação especial.

Palavras-chave: Estágio não obrigatório; Educação Especial; Formação Docente.

NOT MANDATORY INTERNSHIP IN THE SPECIAL EDUCATION: PRACTICES AND CONTRIBUTIONS FOR THE FORMATION OF THE TEACHING PROFESSIONAL

ABSTRACT

This research will investigate practices and the contributions of the experience of teacher training provided by the non-compulsory stage with special education. Thirty students participated in the study, of which 22 were female and 8 were male, with ages varying from 20 to 48 years. To collect the data, a semi-structured questionnaire was used, composed of sociodemographic items characterizing the participants, as well as questions related to the experiences of the non-compulsory training in Special Education. Thus, the results of the study reveal: Autistic Spectrum Disorder as a more frequent deficiency, with 43.63%; recreational resources and adapted activities, such as those with the greatest incidence among pedagogical practices, with 53.33%; and that 53.33% of the students indicate the experience of the internship as significant, for promoting singular knowledge of the practice in the school reality and for integrating specific knowledge in special education.

Keywords: Stage not mandatory; Special education; Teacher Training

¹ Pedagoga pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia pelo Instituto Superior de Educação Programus – ISEPRO. elinecristina31@gmail.com.

² Pedagogo pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. leonardo291997@hotmail.com.

³ Psicólogo, Doutor, Pós-Doutorando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo – USP. Professor Associado da Universidade Federal do Piauí – UFPI, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Coordenador do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia do Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação e Queixa Escolar – PSIQUEDE. E-mail: faustonnegreiros@ufpi.edu.com.

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre a formação do pedagogo não é um tema restritamente atual, já é uma discussão que perpassa décadas a fim de solucionar percalços na formação profissional do pedagogo no que se referem áreas de atuação, identidade docente, estrutura do conhecimento pedagógico, dentre outros. Libanêo (2010) afirma que o curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, ou seja, um profissional capacitado para atuar em diversos campos educativos para atender as demandas socioeducativas, advindas do contexto atual da sociedade.

Atualmente vivemos uma época educacional que vem voltando seu olhar à Educação Especial – modalidade que atravessa todos os níveis educacionais, seja da educação infantil até a EJA – Educação de Jovens e Adultos –, porém evidentemente precisa-se de mais avanços e visibilidade perante o poder público principalmente do quesito formação profissional docente, nesse sentido o estágio para os alunos do curso de Pedagogia assume um papel fundamental, no entanto sendo associado à teoria.

Diante da afirmação de Afonso (2016, p. 34): “confrontar e ser confrontado com a realidade das escolas e do atendimento a crianças e jovens com necessidades educativas especiais sempre foi uma mais-valia para que consolidem opções ou se desfaçam ilusões”, reafirmamos a importância do contato com a realidade da Educação Especial para que o acadêmico de Pedagogia possa retirar o véu do olhar e enfrentar os desafios, tal como as experiências de crescimento nos âmbitos profissionais e pessoais encontrados nessa área educacional, principalmente no dilema sobre a formação do pedagogo.

Tratando-se da modalidade Educação Especial, buscamos analisar os dados a partir de uma perspectiva inclusiva visando o entendimento que a inclusão escolar enfatiza o processo de ensino-aprendizagem dos discentes e abrangem tanto reflexões de temáticas tocantes à educação na diversidade, em uma perspectiva de direitos humanos, como discussões envolvendo os desdobramentos necessários para a sua efetivação, os quais compreendem, para uma aprendizagem efetiva, a reestruturação do ambiente educacional e o envolvimento de todos os membros da comunidade escolar (FONSECA; FREITAS; NEGREIROS, 2018).

Portanto, a partir do exposto, objetivamos identificar as práticas e as contribuições da experiência formativa docente viabilizada pelo estágio não obrigatório em consonância com

a educação especial. No intuito de visibilizar perante a sociedade, o contexto emergente da educação especial e seus atores participativos.

2 MÉTODOS

2.1 TIPO DO ESTUDO

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, descritiva, nela, objetivamos compreender a visão do sujeito acerca das suas experiências subjetivas de certas situações. Estas situações estão inseridas em algum período de tempo de interesse ou se referem a algum evento ou série de eventos que possam ter tido algum efeito sobre os sujeitos da pesquisa (MOREIRA, 2002).

2.2 PARTICIPANTES

Esta pesquisa contou com 30(trinta) participantes, sendo 22(vinte e dois) do sexo feminino e 8(oito) do sexo masculino, com idades que variam dos 20(vinte) aos 48(quarenta e oito) anos, todos acadêmicos da UFPI do curso de Pedagogia com vínculo efetivo na rede pública de ensino de Parnaíba/PI como estagiários, número este que foi delimitado em vista da disponibilidade dos estagiários em participar da pesquisa não totalizando todos acadêmicos inseridos nas instituições de ensino. Os critérios para a participação foram: ser acadêmico de Pedagogia da UFPI, participar ou ter participado do estágio não obrigatório em Educação Especial.

2.3 COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados, fez-se uso de um questionário semiestruturado, composto por itens sociodemográficos de caracterização dos participantes, bem como por perguntas que versavam sobre as experiências do estágio não obrigatório em Educação Especial que teve como base o elemento principal da pesquisa: a percepção dos estagiários que trabalham na

Educação Especial a respeito das deficiências atendidas, aprendizados advindos do estágio não obrigatório na Educação Especial e suas contribuições para a formação do docente, dentre elas: quantos alunos acompanhavam e suas deficiências; quais recursos pedagógicos utilizam em sala e as contribuições do estágio não obrigatório em Educação Especial para sua formação.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram tratados e analisados conforme a técnica Hermenêutica de Profundidade, que propõe três etapas: análise sócio-história; análise de conteúdo; e (re)interpretação (VERONESE; GUARESCHI, 2006). E à frente analisados em paralelo com os pressupostos teóricos da perspectiva Histórico-Cultural (VYGOTSKY, 1995; VIGOTSKI, 2011) e das produções atuais acerca da Educação Especial e o estágio não obrigatório inserido dentro dela.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS

A pesquisa contou com a participação de 30 (trinta) acadêmicos do curso de Pedagogia da UFPI, estagiários na Educação Especial pela prefeitura do município de Parnaíba-Piauí. Nossos colaboradores são formados por 22(vinte e duas) pessoas do sexo feminino e 8(oito) do sexo masculino, nomeados de “Estudante de Pedagogia” enumerados de 1 a 30 para manter seus nomes em sigilo. Todos são acadêmicos do curso de pedagogia, porém, de três blocos distintos: quinto, sétimo e nono bloco. Suas idades estão entre 20 e 48 anos. A respeito do tempo de estágio temos respostas com uma grande disparidade, de um lado estudantes que estagiaram por apenas 3 meses e do outro lado, estagiários com mais de 2 anos atuando no estágio não obrigatório na Educação Especial.

Para uma melhor visualização dos resultados, prosseguem tabelas ilustrativas dos dados com as porcentagens e referidos eixos analíticos, e seguidamente relacionados com os aportes teóricos estudados, que conduzirão a análise.

3.1 QUANTIDADE DE ALUNOS ATENDIDOS E SUAS PARTICULARIDADES

Com a seguinte categoria que inicia as análises, pretende-se verificar o quanto são abrangentes as particularidades dos sujeitos acompanhados pelos estagiários em Educação Especial.

Tabela 1 - Perfil de deficiência dos alunos acompanhados pedagogicamente

Deficiência	Nº	%
TEA (Transtorno do Espectro Autista)	24	43,63%
Síndrome de Down	8	14,54%
TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade)	7	12,72%
Paralisia Cerebral (em diferenciados graus)	3	5,45%
Deficiência Intelectual (em diferenciados graus)	3	5,45%
Deficiência Motora	3	5,45%
Surdez	3	5,45%
Não possuem laudo médico	2	3,68%
TOD (Transtorno Opositor Desafiador)	1	1,81%
Dislexia	1	1,81%

Fonte: Banco de dados dos pesquisadores, Parnaíba/PI, 2019.

Identificamos que 50% dos estagiários acompanharam somente um aluno durante sua trajetória, todavia os outros 50% variaram de um a três alunos dependendo do período. Notamos uma relevância no número de crianças com o TEA (Transtorno do Espectro Autista), esta informação nos leva a refletir sobre uma possível “epidemia” de TEA, que segundo o dicionário epidemia caracteriza-se por doença de caráter transitório que atinge concomitantemente um elevado número de pessoas em uma determinada localidade, todavia BRITES (2016) confrontou a ideia de uma epidemia, afirmando que está havendo a ocorrência de mais indivíduos que apresentam deficiência intelectual ou com menor atividade no desenvolvimento mental que estão erroneamente sendo classificadas como autistas.

Os dados da Secretaria de Educação do Estado do Piauí – Seduc/PI referentes ao número de alunos público-alvo da Educação Especial (PAEE) matriculados no ano de 2018 nas escolas da rede estadual de educação da planície litorânea do Piauí revelam a incidência de diferentes deficiências entre o alunado. Pode-se observar o maior número de alunos diagnosticados com deficiência intelectual, seguidos de alunos com deficiência auditiva, visual, superdotação/altas habilidades e como menos citado o TEA. Isso indica que embora os resultados desta pesquisa revelem o elevado número de alunos com TEA representados por 43,63% de nosso universo de 55 alunos, não condiz com os dados de matrícula apurados pela Seduc/PI.

Reforçando o ponto de vista de BRITES (2016) pressupomos que ocorre uma prescrição errônea de laudos médicos que rotulam como TEA qualquer criança que apresente um comportamento diferenciado, desconsiderando as dificuldades de aprendizagem e os demais transtornos e deficiências como a intelectual, por exemplo.

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é baseado particularmente no quadro clínico do paciente, não havendo ainda um marcador biológico que o caracterize. Isso quer dizer que ainda há dificuldades nos exames que comprovem com total certeza se é autismo ou não, por este motivo é essencial o período de observação da criança, o diálogo com os pais, a busca de informações na instituição escolar, a supervisão com profissionais mais qualificados e o trabalho interdisciplinar. (COSTA; NUNESMAIA, 1998; JENDREIECK, 2014).

Com a tabela abaixo buscamos identificar se na prática do estagiário há a utilização de algum recurso lúdico ou se as atividades desenvolvidas são de acordo com as do(a) professor(a) regente da sala.

Tabela 2 - Recursos pedagógicos utilizados pelos estagiários

Recursos utilizados	Frequência das ocorrências	%
Recursos lúdicos e atividades adaptadas	16	53,33%
Atividades iguais à do professor(a) titular	8	26,7%
Não soube responder	4	13,33%
Nenhum	2	6,7%

Fonte: Banco de dados dos pesquisadores, Parnaíba/PI, 2019.

Utilizava mais os recursos pedagógicos disponibilizados pela escola, materiais que trabalhavam as cores, formas geométricas, coordenação motora, alfabeto móvel, peças de encaixe, quebra-cabeça, jogo da memória, dentre outros (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA 24).

Somente executava as atividades propostas pela professora titular da sala (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA 23).

O estágio foi uma iniciativa da PMP (Prefeitura Municipal de Parnaíba), porém, não houve suporte. A escola não disponibilizava recurso (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA 11).

Verificamos que 53,33% dos estudantes utilizavam algum recurso didático e/ou atividades adaptadas de acordo com a necessidade e nível educacional do aluno, 26,7% relataram que seguem a mesma atividade na professora apenas auxiliando seu aluno na tarefa proposta pela educadora na sala de aula, 13,33% não souberam responder a pergunta e 6,7%

responderam que não utilizam nenhum recurso lúdico e não realizam nenhuma atividade com o aluno em que acompanham.

Para Kishimoto(2011) o lúdico compreende a proposta de jogos, brinquedos e brincadeiras, considerando a relevância da responsabilidade que o professor tem para alcançar a aprendizagem dos educandos, integrando os conteúdos curriculares propostos com o lúdico, lembrando sempre que todos, – alunos com e sem deficiência –, têm o direito de aprender e aprender de maneira divertida e significativa.

Entende-se que a interação dos alunos com necessidades especiais em sala de aula pode ser facilitada através da ludicidade, bem como o processo de aprendizagem, pois o conteúdo é conduzido de forma dinâmica e criativa facilitando a sua assimilação. O aluno quando mantém contato com os recursos lúdicos pode experimentar e explorar o mundo ao redor e assim, portanto pode aprender e adquirir noções de tempo e espaço que possibilitarão dar significado às situações, objetos e pessoas ao mesmo passo em que desenvolve e obtém conhecimento do seu próprio corpo. Todavia devem-se ofertar adaptações frente às necessidades da criança no que diz respeito às competências e nível de desempenho escolar, onde a atividade lúdica deve ser guiada pelas motivações e necessidades da criança (RODRIGUES, 1999; RIBEIRO; ANDRÉ, 2018).

Utilizar as atividades propostas pelo professor titular da sala é pertinente, pois o estagiário ainda não possui propriedade de conhecimento para atender aquele aluno sem o auxílio do professor da turma. O modo de aprender a ser professor é através da imitação, a partir da observação que possibilitará a imitação e assim a reprodução da prática, entretanto surge o agravante que os próprios professores não estão/sentem-se preparados para atender os alunos com necessidades especiais (PIMENTA; LIMA, 2012; SILVA, 2018).

Através da tabela abaixo determinamos entender quais os subsídios no que diz respeito a formação docente os estagiários puderam vivenciar a fim de enriquecer o arsenal da formação profissional.

Tabela 3 - CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA A FORMAÇÃO

Contribuições para formação	Nº	%
Subsidia a aproximação com a realidade escolar	16	53,33%
Aprimoramento de conhecimentos na área	11	26,7%
Não soube responder	3	13,33%

Fonte: Banco de dados dos pesquisadores, Parnaíba/PI, 2019.

As respostas dos acadêmicos participantes da pesquisa resultaram em 53,33% na premissa em que o estágio favorece a aproximação destes com a realidade escolar, 26,7% informaram que a partir do estágio puderam aprimorar os conhecimentos referentes à área, enquanto 13,33% não souberam responder a indagação.

O estágio foi de suma importância, pois além de acompanhar a criança pude “enxergar” de forma mais efetiva a realidade da sala de aula, as dificuldades e anseios enfrentados pelo profissional da educação (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA 23).

Trabalhar com Ed. Especial é sempre um desafio, pois mesmo alunos com a mesma deficiência possuem necessidades diferentes. Cabe ao professor estar sempre buscando as novas estratégias de ensino que melhor atendam as subjetividades de cada aluno. Por assim dizer, o estágio é uma oportunidade ímpar que amplia os conhecimentos do estagiário e o permite colocar em prática suas competências enquanto docente (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA 26).

Apesar de toda dificuldade, de não entender muito sobre o universo da Educação Especial, foi muito importante, pois eu me aprofundei, mesmo que sozinha, nesse universo, pesquisei muito, estudei (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA 5).

Constata-se que os acadêmicos em sua maioria consideraram a aproximação com o meio escolar como um dos pontos principais, pois o estágio proporciona o esperado contato com a realidade escolar que por vezes os alunos almejam para vivenciarem na prática aquilo que estudam na teoria durante o curso, no decurso formativo é possível que os acadêmicos vivenciarem e arquitetarem reflexões na composição do seu arsenal profissional. Por meio do encontro e confronto entre as teorias poderá realizar análises que possibilitam o entendimento do espaço escolar e educação, sobretudo da sala de aula, integrando “o saber fazer”, alcançando informações e partilha de experiências. (BORSSOI, 2008; SILVA, 2018).

Além disso, vale destacar que os estagiários apontaram o aprimoramento de conhecimento como relevante dentro das contribuições formativas. O estágio assume um papel mais relevante que apenas ser uma peça do currículo passando a ser um recurso integrador do corpo de conhecimentos do curso para a formação de professores, onde o professor terá que realizar atividades que possibilitem o conhecimento, a pesquisa, e a análise do exercício

docente na intenção de compreender sua prática, portanto o estagiário como investigador possibilita a pesquisa no estágio, o que se torna uma tática, uma possibilidade formativa do estagiário como futuro docente, portanto a investigação na formação se torna uma peça chave que permitirá aos professores e futuros professores reafirmarem um posicionamento inovador, agir e ensinar paralelamente a realidade do contexto educacional, obter um entendimento sensível frente aos comportamentos dos alunos, além de ler e discutir para tomar decisões. (PIMENTA; LIMA, 2012; LOPES; MENEZES, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta produção viabiliza a aproximação com os contextos emergentes que se articulam com a Educação Especial e suas contribuições para a formação acadêmica, os recursos pedagógicos básicos e a variedade de especificidades do alunado, ampliando aportes teóricos e a compreensão acerca de alguns processos que envolvem os sujeitos do ambiente escolar por completo. Constatou-se que o estágio dentre suas contribuições serve de subsídio para a aproximação com realidade escolar, como afirmaram 53,33% do grupo de acadêmicos pesquisados. O estagiário assume um papel importante no desenvolvimento de seus alunos com necessidades especiais, ao mesmo tempo em que aprimora seus conhecimentos, como defendem 26,7% dos docentes em formação. Estagiários estes que buscam na maioria das vezes, como expressa a Tabela 3, produzir atividades adaptadas para auxiliar no aprendizado e aquisição de novos conhecimentos partindo de uma perspectiva inclusiva.

Verificou-se a partir dos relatos de experiência dos estagiários o entendimento da necessidade de conhecer os múltiplos tipos de deficiências, a importância da aproximação do estagiário com a realidade escolar e a utilização de atividades adaptadas que levam em consideração as especificidades do alunado. Partindo disso abrem-se reflexões acerca da formação de futuros profissionais da pedagogia que irão atuar junto à Educação Especial. Este entendimento demonstra a preocupação destes futuros pedagogos em ter experiência no ofício e conhecimentos que o auxiliem a realizar uma prática que não só transmita conteúdos, mas também inclua todos os alunos para que se sintam sujeitos transformadores da sociedade e compreendam o lugar que nela ocupam.

Concluindo, deseja-se que os resultados deste estudo possam servir de embasamento para novas investigações acerca da temática, principalmente realizando

inquirições em outras realidades socioculturais, contextos e modalidades educacionais diversos. Dito isto, propõem-se estudos futuros com delineamentos longitudinais que possam fornecer dados acerca das nuances que permeiam o estágio não obrigatório na Educação Especial, evidenciando a Educação Especial, sua perspectiva inclusiva e o papel do estagiário no sistema educacional brasileiro.

5 REFERÊNCIAS

BORSSOI, B. L. **O estágio na formação docente: da teoria a prática, ação-reflexão.** Disponível em: <https://sdisposition=inline%3B%20filename%3do_estagio_na_formacao_docente_da_teorja.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.

BRITES, C. **O aumento de casos de autismo nos leva a uma questionamento: será que existe uma epidemia de caos de Autismo?** Disponível em: <<http://entendendoautismo.com.br/artigo/aumento-de-casos-de-autismo-existe-uma-epidemia/>>. Acesso em: 2 maio 2019.

CARNEIRO, C. R. T. **A Percepção dos professores sobre a importância da atividade lúdica na Educação Especial.** Lisboa, 2012.

CARNEIRO, C.; RODRIGUES, D. A educação motora e as necessidades educativas especiais. In: KREBS, R. et al. (Orgs.). **Perspectivas para o desenvolvimento infantil.** Santa Maria: SIEC, 1999.

DANTAS, M.; CAVALCANTE, V. **Pesquisa qualitativa e quantitativa.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/14344653/Pesquisa-qualitativa-e-quantitativa>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

FONSECA, C. S.; FREITAS, T. da S. C.; NEGREIROS, F. **Psicologia escolar e educação inclusiva: a atuação junto aos professores** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.24, n.3, p.427-440, Jul.-Set, 2018.

JENDREIECK, C. de O. **Dificuldades encontradas pelos profissionais da saúde ao realizar diagnóstico precoce de autismo.** Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20149/19437>>. Acesso em: 21 maio 2019.

KISHIMOTO, Mochida Tizuko. **Jogos, Brinquedos e a Educação (Org).** 14. Ed- São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

LOPES, A.; MENEZES, I. **A construção de si como investigador: reflexões sobre os processos de formação pós-graduada.** Educar em Revista. Curitiba, 2018

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. [S.l: s.n.], 2012.

RIBEIRO, A. L. B.; ANDRÉ, B. P. V Seminário Nacional de Educação Especial XVI Seminário Capixaba de Educação Inclusiva UFES. **O Lúdico como estratégia para a aprendizagem de crianças com deficiência no Atendimento Educacional Especializado**. Vitória-ES, 2018. Disponível <<http://revbea.emnuvens.com.br/revbea/article/view/5126>>. Acesso em: 21 maio 2019.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PIAUÍ. **Alunos com necessidades especiais**. Teresina: Seduc, 2018.

SILVA, C. C. A sala de aula como espaço de aprendizagem: experiências de estágio supervisionado. **Revista Signos**. Lajeado, ano 39, n. 1, 2018.

SILVA, I. P. da. **Formação/Capacitação dos Professores na Educação Inclusiva**: história da educação inclusiva, conceitos e formação docente. 2018. TCC (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba. Araruna-PB, 2018.

SILVA, L. C. S. da; SILVA, M. K. da. **O Estágio Supervisionado e suas contribuições na formação inicial**: relatos dos Licenciandos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas. Disponível em:< <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/2486>>. Acesso em: 20 maio 2019.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. **Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social**. Ciências Sociais Unisinos, v. 42, n. 2, p. 85-93, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escolhidas-problemas do desenvolvimento da psique**. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Educação e Pesquisa. São Paulo, 2011.